

Real, simbólico e imaginário

A trindade infernal de Jacques Lacan

Marcus André Vieira



Simbólico, Imaginário, Real e traço♦

♦ Segundo encontro do Seminário de Marcus André Vieira – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 10/09/2009 Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.

Como anunciado na última vez, vamos hoje estabelecer três premissas negativas: O imaginário não é a imaginação, o simbólico não é o simbolismo e o real não é a realidade. A essas premissas, negativas, associa-se uma, positiva: o simbólico se desdobra em significantes e traços.

O imaginário não é imaginação.

Se não fosse assim, tudo na situação analítica seria imaginação, nesse sentido amplo, e de nada adiantaria usar o termo. O imaginário, ao contrário, vai se definir como tudo aquilo que faz corpo, que faz um, que vejo um começo, meio e fim, que não é nebuloso, manchado ou confuso. Não é tanto o fato de ser uma imagem, apesar delas geralmente serem assim. Na análise, tudo que for nítido e fizer sentido é corpo e, conseqüentemente, imaginário.

Assim definido, fica claro que a ideia de Lacan era de que a análise não trabalha com o imaginário. O que Freud inventou tem como ferramenta fundamental uma manipulação do simbólico e não do imaginário, e é por isso que a diferença entre simbólico e imaginário é tão cara a Lacan. Na Conferência ele diz que, não é porque uma análise encontra o imaginário que o imaginário se confunde com ela: “... o imaginário está longe de se confundir com o campo do analisável”.ⁱ

O exemplo mais imediato é o sonho, pois quando ele está “redondinho” não é um bom sonho para a análise. É aquele que as pessoas gostam de contar, e a análise vai sempre procurar o lado bagunçado dele. Coisas que não encaixam.

Imaginação é ilusão, fábula, sonho no sentido geral. Tendo uma conotação, às vezes, de algo falso e que se opõe ao que é real. Uma imagem mental - quando se fecha os olhos, diferente de ver e tocar os objetos. Desse modo, dada a narrativa que caracteriza quase toda situação analítica, teríamos que dizer que tudo é imaginação. E, assim, ela não nos serve, pois seria necessário, então, para se fazer diferença entre as coisas da análise, criar um dispositivo de verificação para saber da verdade do que é contado, ou então, basear-se em preconceitos: ‘Sempre que ele falar de sexo ou chorar, é verdade’.

Pensem dessa forma: tudo é imaginação, e as diferenças que faremos dentro do material de análise não são entre imagem e realidade e sim, entre real, simbólico e imaginário.

Dentro desses relatos imaginados, algumas coisas se distinguem, mas não porque umas sejam verdadeiras e outras falsas em si. Podemos dizer que o imaginário na análise vai ser tudo que tem forma estável e que faz corpo, isto é, que tem um começo meio e fim. Naquilo que se ouve, tudo que possui peso, lastro, segurança, solidez. Falou-se coisas desse tipo, ficaremos esperando mais, pois essas coisas não são analisáveis.

Fazer essa distinção é uma ferramenta muito importante. A primeira grande razão que fundamenta essa diferença é o fato de que a análise se faz no simbólico ou com o simbólico. No entanto, isso não é uma verdade radical, os três andam juntos e quando se interfere em um está se afetando os outros, contudo, a matéria prima da análise segue sendo o simbólico.

Num sonho que é compreendido completamente pelo paciente há pouco que se possa fazer que não seja duvidar para que algo se desloque. Isso ocorre não é pelo fato de o analista querer que o paciente sofra, e sim porque ele não quer algo “redondo”. Porém, corremos o risco de tornar essa dúvida um embate, provocando, vez por outra, angústia. Coisas desse tipo, redondas, não servem para grandes efeitos na análise, a não ser, por exemplo, para um efeito de pacificação. Se isto é o que se quer, tudo que tiver começo meio e fim apaziguam. Devemos dizer, contudo, que a análise não quer apenas desmontar coisas. Há trabalhos que se fazem a partir do imaginário.

Freud, em correspondência a Jung, citado por Regnault,ⁱⁱ o alerta para esse fato. Podemos dizer que Jung desvia-se para o imaginário. Daquilo que a pessoa traz como fragmentado, ele a conduz a acreditar que existe uma ordem maior, um arquétipo fundamental que tem começo meio e fim, ou seja, é entendido, faz sentido. Isso tem um efeito terapêutico seguro. Mas, Freud se opõe a ficar nisso, ele insiste na interpretação que “consiste em não tomar toda fachada para interpretá-la, como em uma alegoria, mas em se restringir ao conteúdo, perseguindo a gênese dos elementos e não se deixar levar pelo erro dos remanejamentos, condensações...”.ⁱⁱⁱ

Freud diz isso repetidamente na Interpretação dos sonhos.^{iv} Não tome a elaboração secundária porque ela é secundária. A história arrumada é posterior. Os traços, matéria prima do sonho, que são importantes. Jung estava indo no sentido oposto. Porém, não é porque ele não é a nossa massa de manobra, que o imaginário seja pouca coisa, afinal ocupa grande parte de uma sessão analítica.

O simbólico não é o simbolismo

Como já vimos, a partir daí, Lacan passa na mesma conferência, a definir o que seria então o material próprio de uma análise da seguinte maneira: “um fenômeno só é analisável caso represente outra coisa além de si próprio”.^v

Se num sonho vê-se uma mãe que representa uma mãe, isso não é analisável. Se eu sonho com minha mãe e pode ser minha tia, isso já pode servir. É uma orientação técnica muito precisa. Posteriormente, Lacan a aprimorou ao refinar a definição de simbólico, mas já é fundamental...

E o que é isso que “vale por outra coisa”? É preciso perceber, para começar, o que a afirmação de Lacan significa. Para que alguma coisa valha por outra é preciso que ela preencha ao menos um requisito, ela deve necessariamente perder seu valor próprio. É o fundamento da teoria do significante de Lacan. Pois bem, a psicanálise nasce quando os detalhes organizam o essencial do relato, mais do que as figuras centrais. Para nós, são os pequenos traços que guardam a singularidade. Certo, sou o que vejo de mim, minha imagem: quanto melhor acabado, melhor sou. Porém, se perguntarmos a qualquer modelo de revista, ela vai dizer o quanto ela não se sente ela mesma naquele retrato acabado. Quando a mulher está muito perfeita, menos se sente ela própria. A singularidade existe no detalhe que compõe no retrato alguma marca. O simbólico não reside no fato de que o charuto seja, por exemplo, um símbolo fálico. Esse seria o simbolismo de Jung: sonhar com o trono do imperador corresponderia a sonhar com o pai. Isso é o que Lacan chamaria de imaginário. Não é uma coisa por outra, mas sim uma coisa ela mesma, pois é algo que tem alguma afinidade com o que representa, a forma do charuto, por exemplo. Então não é ocupar o lugar de algo que não é exatamente ele mesmo, como no caso do charuto, mas sim ocupar o lugar de alguma coisa que nada tem a ver com ele. Ser outra coisa que não

ele, para caracterizar o que aqui Lacan chama de símbolo e mais adiante chamará de significante, é isso.

A fala e a linguagem têm propriedades muito especiais: a ambiguidade, por exemplo. Mas que se entenda, a ambiguidade não é apenas o fato de uma palavra dizer várias coisas. Não é apenas outro sentido que ela carrega além de seu sentido original, tal como a palavra “pena”, que em português remete a três sentidos. Não. É o fato de que há mais de um sentido e outros ainda possíveis em potencial. Por exemplo, chumbo, fala do metal, mas também do peso de uma nuvem carregada, prestes a abrir um temporal, e muitas outras coisas que posso descobrir utilizando a metáfora. A condição para isso é que quando eu usar a palavra chumbo ela não seja nem cinza nem pesada. É o que espanta as crianças quando começam a escrever. Cismam, por exemplo, em escrever a palavra “trrrreeemmm” assim, grande, por não aceitarem que uma coisa tão gigante seja dita em uma palavra tão pequenina.

As palavras são fragmentos, pedaços, poesias que caem do Outro. Eles começam a se montar e articular e introduzem, até, um discurso articulado, mas em si não dizem nada. Vejam novamente o termo “soldado”. Se sonho com um soldado como uma ideia muito fixa, o sonho não é tão interessante. Porém, se sonho com um soldado jogando *dados* e um *sol* brilhando e a partir disso se vai para outro lugar, temos algo interessante por conta dos pedaços de palavras. É assim que funciona o sonho em Freud, como se fosse uma carta enigmática, um *rébus* como indica Lacan. Estes elementos não valem por seu sentido em si, mas pela articulação entre eles e, nessa articulação, seu sentido original desaparece. Quando um sol e um dado se unem para significar soldado, ambos os sentidos desaparecem. É essa alquimia básica da linguagem que o sonho está revertendo para criar sua carta enigmática.

Esse é todo o ensino de Lacan nos primeiros tempos. A essência do simbólico, do significante, não é que ele seja palavra, e sim uma marca. *Made in Germany* não é nada, é só um carimbo. Esse carimbo faz com que essa coisa seja da Alemanha e não de outro lugar. Estaria aí o simbólico para Lacan.

É o que, em várias ocasiões, ele destaca a partir da referência de Freud ao termo *schiboleth*,^{vi} da anedota dos judeus que não conseguiam pronunciar exatamente como os outros o termo e que, nisso se distinguiam, algo que foi retomado em outro

plano recentemente por Quentin Tarantino em uma cena antológica de *Bastardos Inglórios*.^{vii} É o que Lacan já assinala nesta conferência com a referência à “senha”.^{viii} Aquela marca que se tem e que nos distingue de todos os outros, mas que em si não tem sentido – a propriedade maior do simbólico é essa: marcar e diferenciar. Ou seja, ele cria e opera diferenças. O imaginário não sustenta diferenças. Quando falamos “uma coisa é uma coisa outra coisa é outra coisa”, isso é imaginário: pão-pão queijo-queijo. Mas e o pão de queijo? Os sentidos combinam, pluralizam-se... E na selva dos sentidos nunca é possível ter certeza de que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra. Para que seja assim precisa-se de uma marca. “Forno de minas”, por exemplo, define que aquilo é aquilo por mais que o sabor varie. Somos do totem da tartaruga, somos tartaruga todos.^{ix} Não quer dizer que no real sejamos tartarugas.

Não é o real que define, por exemplo, a paternidade. O DNA é uma marca distintiva que só vale pelo valor simbólico dado à técnica científica em nossa cultura. Não é porque o cientista é dono do sentido da paternidade. É porque se supõe que ele saiba ler o real. Só o simbólico define.

Essa concepção é tão poderosa que é bom exagerarmos para que possamos nos afastar da crítica e depreciação a ela. Para percebermos a incidência dessa concepção, falamos do delírio como uma construção imaginária, isso não diz respeito à suposta fragilidade dele. Em verdade, ele é mais sólido que outras obras que chamaríamos de simbólicas. Quando falamos que o delírio é imaginário, automaticamente temos que dizer que ele faz laço.^x Porém, frequentemente ouvimos que o sintoma psicótico não faz laço. Não o faz, porque é o imaginário no delírio, por exemplo, que o faz. Isso tem um valor clínico enorme. Mas não foi sempre assim que Lacan falou e não estamos habituados a pensar assim.

O simbólico não é simbolismo, que, no sentido mais geral, seria dizer que o mapa do Brasil simboliza o Brasil. No exemplo que usamos anteriormente, sol e dado são a base de uma escrita, e sol é a base da representação (como uma *mimesis* - mimetiza-se a coisa e assim a represento). No momento em que começo a juntar elementos e a reproduzi-los com o que não tem nada a ver com eles, passamos a trabalhar no campo da escrita. O soldado torna-se “redondo”.

Entretanto, estamos falando que a análise é um trabalho com o simbólico. O objetivo dela não é produzir satisfação, ainda que a produza. A direção para a análise é fazer algo com o simbólico que não é exatamente encontrar a significação derradeira. O que serve não é uma significação.

Digamos que alguém sonhe com o sol e o dado, e que poder-se-ia, dizer para ele: “Ah você está sonhando com seu pai”, porque o pai é soldado, por exemplo. Há a significação de soldado que está no ar e isso é um saber redondo, portanto, imaginário. Todos os nossos sentidos que nos orientam na vida, pertencem ao imaginário. O paciente fala e o sentido que aparece é a perda do pai; e que ele teve que trabalhar para se sustentar e abandonar, por exemplo, a pintura. Então, soldado representa tudo isso. E esse todo se organiza em sentido. Quando busca-se a análise, essa história a princípio não está funcionando mais, ou está funcionando mal, ou apareceu uma síndrome do pânico onde o eu, esse conjunto de histórias, está muito perturbado.

O que se faz? Em outras práticas há outras propostas como, por exemplo, fazer o paciente perceber que ele foi mais importante do que se tivesse sido pintor. A psicanálise a princípio não propõe isso. Acreditamos que isso faz efeitos diferentes. Há efeitos de originalidade que são impossíveis a partir do imaginário, uma vez que ele só pode trazer aquilo que já é. Então, os sentidos se aglutinam a outros em deficiência, e relança-os. Eles estão na Cultura, não dá para inventar os sentidos e/ou sentir algo que nunca foi sentido.

Então qual é o sentido último? Não sabemos, e nem é esse o objetivo da análise. Em vez disso, ela vai pegar isso que está em frangalhos, usando o material de escrita que está lá, em meio a tudo que é imaginário, e fazer um novo texto que se sustente. Em outros termos, o fundamental não é ter ou não ter sentido, mas que ele, secundariamente, possa ser feito a partir de um trabalho literal e não a partir dos próprios sentidos.

Freud era autoritário em suas intervenções. O material não se pauta pelo sentido ao qual chegaremos, ou seja, o norte da produção não é o imaginário. A produção envolve o simbólico como traço. O simbólico não é simbolismo ou abstração como dissemos, e sim o fato de que, por exemplo, quando eu carimbo um papel aquilo

cessa num pacto. A metáfora célebre de Lacan é de que as palavras marcam o homem como o ferro marca o gado.^{xi} Não é nada que apele aos sentidos, mas é algo que tem um valor na vida humana. Isso é o essencial do simbólico para Lacan, uma espécie de marca que te singulariza. Nas marcas sem sentido reside nossa singularidade, e não nos sentidos bons ou ruins que damos a nossas vidas.

Antes de falarmos delas, vejamos o real.

O Real não é a realidade

Na vida uma coisa é a realidade física de um quadro, e outra é a realidade imaginária desse quadro. Porém, na situação analítica isso não funciona. Se dissermos que o real são as coisas que são, teremos que, novamente, fazer uma investigação para saber o que é verdade ou não. Ele não é um dado concreto, pois o concreto da análise são as palavras. É o material da palavra que é fixo e que a sustenta.

Então Lacan nos dá duas definições célebres para real.

A primeira: o real é aquilo que surpreende. A análise encontra o real, segundo Lacan, como surpresa ou como trauma.^{xii} Quando se escuta algo surpreendente do paciente sabemos que ali há real. Não poderemos fazer muito com isso se não houver o simbólico para fixá-lo e o imaginário para lhe dar um lugar no laço e no sentido compartilhado, mas ele está ali.

O real é o que não cabe em lugar algum, e ainda assim, é algo que fica querendo voltar. A presença de uma ausência, por exemplo. Já que o imaginário é o que é, faz corpo e forma. As formas, os sentidos, ou mesmo o corpo, para serem vivos e singulares precisam ser marcados. A vida que corre, diríamos que é o real. Numa bela mulher com uma pinta, vemos um rosto vivo. A pinta não diz nada dessa mulher, não é boa nem má, mas ela registra que aquele imaginário é habitado por alguma coisa além. No que uma imagem tem sua marca parece que ali circula uma espécie de ser. Chamaremos isso de real. Não dá pra trabalhar com isso na análise, pois é muito geral e inespecífico. Então, do R.S.I. poderemos declinar o seguinte: Alguém é vivo, pois os sentidos que fizeram ele ser quem ele é, se singularizaram; porque nesses sentidos universais, marcas se fizeram e, por isso, a ceifa da vida passa por ali em algum lugar.

Se alguém fala: “sonhei com um trono, eu que surpreendentemente nunca pensei nisso”, um dicionário de símbolos poderia dizer-lhe, um trono significa riqueza. A surpresa se foi. O real já foi englobado. Em outros termos: aquilo que vem do inconsciente, uma vez tornado consciente, desaparece como surpresa. Por isso, há todo um dispositivo para que se possa capturar pedaços de simbólico que vão se manter ainda surpreendentes, ainda com um pé no real, sem necessariamente serem mergulhados no sentido. Como afirma Miller: “Na análise entra-se nas palavras pelo lado do sentido para fazê-las tocar no real”.^{xiii}

Na Conferência que estamos lendo, Lacan não fala do real. Deixa no ar. Talvez por estar interessado em fazer a diferença entre simbólico e imaginário. Em 1977, ele nos fala do real como surpresa e, em 1974, como aquilo que volta sempre no mesmo lugar. Essas duas definições, postas assim, opõem-se. Entendemos o real como surpresa ou contingência. Porém, a segunda definição parece opor-se à primeira. Como aquilo que volta sempre no mesmo lugar é o real? O real não é só o que surpreende, porque se fosse apenas a contingência, ele, por definição, desapareceria, ali mesmo, no momento em que se está falando.

O real se apresenta no começo de uma análise como surpreendente, ou seja, como aquilo que rompe o imaginário e a conformidade daquilo que se é. Certamente numa análise temos as coisas simbólicas, as coisas imaginárias, e outras coisas que, como dissemos, fazem sua entrada como susto, angústia, ou o que Lacan chama de contingência. Mas o real, de fato, depois desse início, tende a aparecer sempre no mesmo lugar.

A análise começa pela surpresa e termina com a repetição. Uma surpresa, por definição, não dura e, se quero produzir algum efeito no real, e ele é apenas uma coisa que foge, não vou poder produzir tal efeito.

O tratamento do trauma hoje consiste em dizer que ele é resultado de uma contingência, logo, não se tem nada a ver com isso. Assim sendo ele volta, e o faz sempre no mesmo lugar. Na análise isso está presente desde o início.

Miller faz uma oposição entre uma análise que começa e uma análise que se prolonga. A análise que começa é cheia de surpresas, e depois de um tempo, você começa a encontrar, sempre no mesmo lugar, o real. Não vai ser mais a surpresa que

vai resolver, e sim, fazer algo com esse real que surge incessantemente no mesmo lugar. Aí o trabalho passa a ser mais de construção de uma saída em vez de descoberta. É como se a análise tivesse dois tempos. Essa definição do real que retorna, coincide, até, com a vida cotidiana. O real em análise deve, segundo Lacan, ser relacionado nem tanto a se perder em uma casa às escuras, mas sim quando se bate com a cabeça na parede por faltar a planta. E mais ainda: por se perceber que, nestas condições, por incrível que pareça acaba-se batendo com a cabeça sempre mais ou menos na mesma parede, apesar das várias tentativas de evitá-la.^{xiv}

O Real, para nós, não é realidade, ou seja, o fato de que as coisas são do jeito que elas são. Na vida é clara a diferença entre a realidade física de um objeto e sua realidade imaginária. Porém, na situação analítica isso não se apresenta do mesmo modo. Não podemos basear nossa diferença no fato de que uma coisa é o que existe e outra o que se imagina, porque na situação analítica tudo é narrado, tudo é, de certa forma, imaginado. E isso não é uma deficiência da psicanálise a ser corrigida com instrumentos de objetivação ou investigações históricas. De fato, quiséssemos manter a concepção cotidiana teríamos que fazer investigações complementares para saber se o que se lembra ou o que se diz é verdade. Aliás é o que às vezes fazem alguns analisantes. A ideia de Lacan é outra, a de termos maneiras de distinguir as coisas e de nos orientarmos, mesmo não fazendo essa diferença. Na análise tudo é um pouco real e imaginário, tudo é um pouco mentira e verdade, mas uma coisa é o que se apresenta como sólido e outra o que se apresenta como fugidio, embaçado, no desencontro e no tropeço. Para os primeiros objetos, realidade, para os segundo, Real – como a presença de uma ausência, por exemplo.

Sendo assim, podemos dizer que há real no simbólico. Imaginemos uma bela mulher com um não sei que no rosto, um pinta, por exemplo. O real está mais na pinta do que no belo desenho do rosto de suas feições apolíneas e equilibradas proporções. A pinta não diz nada dessa mulher, não é boa nem má, mas ela registra que aquele imaginário é habitado por alguma coisa além.

As imagens que nos fazem estão no ar e são coletivas, fazendo com que tudo que eu fale, sinta, pense, não seja meu. Sempre alienamo-nos, e a dramatização disso para Lacan é o Estádio do Espelho^{xv}. Percebo no Outro uma forma que vai dizer sobre

mim. Quando digo que isso sou eu, ganho uma forma, mas uma forma que está no outro. O imaginário não singulariza. O imaginário é sempre do Outro. Quando se chora é devido ao fato de que se sente algo, ou ao fato de que se deve chorar em certa situação? Essa é uma vivência muito comum. O sentimento é forte e vivo: será que estou sentindo porque o outro me ensinou, ou porque é assim que eu devia fazer? Isso é a alienação imaginária vivida subjetivamente, o estádio do espelho encarnado na vida de todo mundo. Essa distância de si mesmo produz a comunhão imaginária. Todos concordamos e se isso acontece, há alguma coisa estranha então. Há casos em que o sujeito fica tão desconfortável com isso que sempre discorda para manter sua singularidade. Há outros que são aqueles que concordam primeiro. É um jeito de se achar único. O imaginário não tem singularidade.

Um obsessivo que está sempre nervoso, pois nunca consegue se encaixar e está sempre com esse sentimento de não ser si mesmo, vai abraçar árvore numa vivência de fim de semana para ter um sentimento de comunhão, o sentimento de se fundir na massa. O que se perde nesse prazer imaginário é justamente a originalidade e o singular. Quando se pula carnaval não se é muito singular, por exemplo.

Marca é um registro de alguma situação como, por exemplo, guardar o dente da primeira extração dentária. Isso evoca a certeza do jeito que foi ir pela primeira vez ao dentista. O imaginário não dá certeza. Não é porque você tem uma história muito legal que pode ter certeza daquilo que se é. E sim, porque essa história está inscrita.

O real é o fato de que a marca em si não tem vida e o imaginário em si não tem também.^{xvi} A vida pulsando vai aparecer quando a marca e a imagem se conformarem. O real, então, é uma espécie de pulsação da vida que se esconde nessa conjunção. O simbólico me singulariza, o imaginário me dá o corpo, e o real dá vida a esse produto.

Na análise não é bem assim que o real se apresenta. Quando o corpo existe e se singulariza, a vida parece sempre estar em outro lugar. Está sempre faltando algo, ou, por outro lado, às vezes, essa coisa vem e não era para estar. É certa presença extracorpórea. O Roberto Carlos quando aparece no sonho não encaixa, nem serve para nada, mas parece ser ele a sustentação de todo o resto. Se o imaginário dá a textura da situação e o simbólico dá os traços para ter essa textura estruturada, o real ex-siste a isso, nos termos de Lacan - garante a existência dele estando fora dele.

Simbólico é traço e furo, o imaginário é consistência e o real é ex-sistência^{xvii} - termos inventados por Lacan para falar disso que nos assombra.

Outra maneira de falar sobre isso na análise é como o estranho. E o que é uma coisa estranha nos termos de Freud? Ela diz respeito à cena, não sendo, absolutamente, estranho no sentido de desconhecido. O estranho que toca algo em você, mas não tem nada a ver com você.^{xviii} Como isso é possível?

O real se apresenta no começo de uma análise como surpreendente, ou seja, como aquilo que rompe o imaginário e a conformidade daquilo que se é. Nesse ponto, tendemos a pensar no real como surpresa. Mas o real, de fato, depois desse início, tende a aparecer sempre no mesmo lugar. Esse que vai ter de ser nomeado - uma nomeação fora do sentido, lembrem-se, para poder sair do dispositivo.^{xix}

Chega-se na análise para falar da mãe. E, então, por contiguidade descobre-se que ela tem tudo a ver com a avó e a mãe deixa de ser tão insuportável, a vida melhora. E agora a avó é uma presença que começa a falar e perguntar. Aparece, então, uma tia-avó. Sempre é possível encontrar um novo personagem e um novo sentido. Porém, não observamos o mesmo problema de infinitização quando recorremos aos pedaços e seus agenciamentos. Em outros termos, a análise é uma produção de cenas que começam a cair, criando pequenos detalhes que se articulam. Quando isso acontece, esse algo encontrado que não é nem a tia-avó, nem a avó, nem a mãe, é uma espécie de personagem híbrido, um parceiro que se encontra em todo lugar. Sempre mais do mesmo.

Exemplificando: “eu não consigo dizer não” - a presença dessa figura é o real. Agora eu já o tenho mais ou menos mapeado. Vou ter que dar um jeito de lidar com essa figura a partir de uma nomeação fora do sentido. O produto dessa nomeação vai fisgar essa personagem, e, então, passo a andar com ela pelo resto da vida, como integrante desta, mas não nos sentidos vividos anteriormente. Continuarei dizendo sim ou não, mas não sofrendo como antes, pois isso não está no sentido.

Simbólico, pacto e traço

Lacan fala do simbólico muitas vezes usando a ideia do pacto. Temos que entender o que é pacto e o que é laço. Pacto não é sinônimo de laço. Vejam, por

exemplo, em *Função e Campo...*, neste texto fundador do ensino de Lacan é o simbólico que permite o pacto^{xx}. O que é isso? Usamos um papel para escrever que um indivíduo não vai matar o outro. A partir disso, carimba-se o papel e funciona - e o faz porque assinamos um papel. Ao assinar o papel não se produz sentido nenhum. Isso é pacto. Ele é feito num vazio de um encontro que, sabe-se lá o motivo, os seres humanos são capazes de promover. Diz-se que o simbólico é uma evolução do imaginário. Não! O imaginário não faz pacto, e este é uma novidade da raça humana. Por exemplo, fazemos um pacto de sangue e isso quer dizer que seremos amigos para sempre. Não tem sentido. A questão é: Isso faz laço? Não! Fizeram um pacto, eles ainda dependerão do imaginário para viver juntos. Porque isso depende de um reconhecimento mútuo, terem tudo a ver e coisas em comum. Disso que produz trabalho em conjunto. Temos que pensar a especificidade de cada um dos dois.

Comunhão, fraternidade, coletivo, união, são coisas com começo meio e fim e que nos unem, ainda que o imaginário sem o simbólico não dure. Então, a rigor, o laço social é uma mistura de tudo. Mas a coisa essencial para que haja um laço é uma comunhão imaginária, isto é, de sentidos. Todos achamos que não matar o outro é bom e isso nos une. Isso não é pacto e sim o sentido de que a morte é ruim e, assim, comungamos desse sentido.

Mas para que haja pacto e laço é preciso que haja algo material que assinala e sustenta este pacto, como o papel no exemplo que acabo de lhes dar. Valendo-se dos traços, perguntamo-nos o que é isso que ao mesmo tempo tem alguns efeitos impossíveis para o imaginário. Não chamemos esses efeitos de emocionais, ou afetivos, e sim de efeitos de singularidade. Pois ela está no simbólico e esse que é o ponto.

A melhor ilustração disso talvez seja a informação de computador. Temos um texto ou uma imagem no computador que emociona, e que pode ter começo, meio e fim. Quando se liga ele sabe onde buscar a informação: pegando partes em diversos lugares, reunindo-as e formando a imagem ou texto. Quando você trabalha com o imaginário, nunca se chega a esses fragmentos de informações, e nunca se faz com que informações próximas produzam uma imagem alternativa só por proximidade. Poder-se-á produzir novas imagens por 'semântica'. Quando se meche com os traços,

pode-se juntar coisas que de outra forma não poderiam estar juntas e fazer algo que não havia sido produzido. Nomeio isso efeitos de originalidade.

Exemplificando: Alguém conta a cena em que viu sua mãe morrer. E viu, na mesma circunstância, uma vela acesa e a foto do Roberto Carlos no armário da empregada. Essas coisas estão lá e, fora o momento emocionante da morte da mãe, nunca serviram para nada. Essa pessoa lembra-se, da vela, mas da foto do Roberto Carlos não. Freud, num caso como este começaria a explorar, a partir da associação livre, esse desmembramento das lembranças, as relações de contiguidade e não só as relações esperadas. E, se num determinado momento esse paciente tem um sonho onde o Roberto Carlos dança com a mãe? Então, ele lembra que viu a foto e começa a fazer conexões que estavam lá produzindo efeitos, mas que sumiram de cena. Visto que é o imaginário do ideal do eu que manda, essas coisas que não encaixam ficam sepultadas. Se há um trabalho do inconsciente é justamente o de operar com a materialidade dos traços, mais do que fazer uma montagem imaginária deles. A leitura desses traços já foi feita e já orienta a vida. A mãe morreu e o sujeito ficou arrasado. Porém, ao pensar no Roberto Carlos pode ser que surja qualquer coisa que não tem a ver diretamente com a tristeza.

E justamente aí reside uma das críticas de Freud a Jung.^{xxi} Freud recomenda a Jung pegar os pequenos pedaços. São eles que vão produzir o material de análise. Os grandes elementos e sentidos produzem, também, novidade, mas sempre de potência inferior. Existe uma espécie de nomeação da singularidade que a análise produz e que é o nosso objetivo: o de produzir a nomeação que segura, ou seja, produzir certeza e não saberes.

Para Lacan todo conhecimento é paranoico, no sentido em que só se conhece alguma coisa podendo se colocar no lugar dela, pensá-la em comparação com outra, ou seja, por reflexividade.^{xxii} Esse é um dos nomes para esse jogo imaginário. Porém a ideia de simbólico traz para a análise uma noção de artesanato da palavra. E é exatamente isso que Freud faz com Signorelli,^{xxiii} corta pedaços e chega a outra palavra.

A análise é um dispositivo feito para que o imaginário não comande e, assim, as outras coisas começam a aparecer. Então, não se dá dois beijinhos, não se fala de

futebol, pois tudo isso é uma maneira de criar uma conjunção. O analista se afasta um pouco, cedo ou tarde o paciente começa a falar coisas estranhas.

Essa certeza, da qual falamos há pouco, é feita pela construção com esses pedaços que surgem observadas as condições da análise. Ela não se origina dos grandes sentidos imaginários. Pergunte pra qualquer pessoa que se submeteu a uma análise o que ela descobriu nesse processo. Se ouvirmos do ponto de vista imaginário parece uma coisa normal, fazendo, inclusive, com que estranhemos o fato dela achar a análise algo tão bom. Porém, se ela contar como foi, perceberemos que foi um quase artesanato para chegar nisso. Juntaram-se vários pedaços de uma maneira que nunca tinham se juntado antes.

A associação livre e a atenção flutuante são ferramentas para produzir pedaços e não sentidos. Assim, quando ouvimos, nossa escuta não deve se direcionar para tal. Ou seja, procuramos o texto e não seu sentido. Somos, ao ouvir, um poeta concreto, e não um cara sábio que quer entender o que se passa. Pois isso desemboca num analista burro, dado o fato de que a sabedoria é imaginária.

Comparem a sabedoria de um homem culto com a sabedoria de um cientista, já que este mexe com o simbólico. Ele trabalha com letras, usando a matemática e sistemas lógicos. Ele não sabe nada da vida e das coisas que devem ser sabidas.^{xxiv} Sabe fazer um trabalho de artesão com as letras. Sabe que quando tiver x não pode vir y depois, mas isso não quer dizer nada. O analista está mais do lado do matemático do que do sábio.

Quem faz pacto sem laço? Ninguém. Mas é possível ter laço sem pacto. Lembrem-se de que Lacan não aposta no imaginário justamente para fixar a ideia de que a análise não é feita pelo imaginário. E, por isso mesmo, os textos dele não foram feitos para serem compreendidos, e sim para serem trabalhados manualmente. Pegaremos alguma coisa da psicanálise se o fizermos. Dizemos que o delírio faz laço, no entanto, devemos lembrar que sempre há um pacto para estabilizar o laço, mas o contrário não se observa sempre.

ⁱ Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real", *op. cit.* p. 21.

ⁱⁱ Regnault. F. "Freud anti-alegorista", *Em torno do Vazio*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

ⁱⁱⁱ Idem. p. 96.

-
- iv Freud, S. (1987d). *A interpretação dos sonhos* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 4, 5). Rio Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- v Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real". *op. cit.* p.22
- vi Lacan cita o original alemão do "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" onde Freud diz que o complexo de Édipo é o *Schiboleth* da Psicanálise, porém a tradução brasileira não o registra assim, o traduz por "traço distintivo" – Freud (1905b/ 1966, p. 124).
- vii *Bastardos Inglórios*. Direção: Quentin Tarantino. Fotografia: Robert Richardson. EUA/Alemanha: Universal Pictures 2009. 1 DVD (153min). NTCS, Color. Título Original: *Iglorious Bastards*
- viii Lacan, J. (1953) *O simbólico, o imaginário e o real*. p. 24.
- ix Cf. Freud, S. (1987g). *Totem e tabu* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913[1912]).
- x Laço social: articulação do campo do sujeito com o campo do Outro. Cf em Lacan, J.(1969-70) *O Seminário, livro7: O avesso da Psicanálise*, Rio de Janeiro: JZE, 1991.
- xi Cf. Lacan J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 629.
- xii Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.
- xiii Miller, J. "A formação do analista", *Opção lacaniana n. 37*, São Paulo, EBP, set 2003, p. 27.
- xiv Cf. A direção do tratamento e os princípios de seu poder, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, parte III. Como se vê, estou tentando instalar uma continuidade onde poderia ser entendida uma descontinuidade. Nós estamos numa experiência que se desenrola numa espécie de infinidade. Estamos em cheio no finalíssimo Lacan. Quando se chega a dado ponto em que não se anda para cá nem pra lá, precisaremos, então, construir algo. Neuróticos que somos padecemos do Um. Acreditamos no Um original e até por isso mesmo o tememos. Por isso que o obsessivo, por exemplo, quer ser o número um, para justamente fugir do Um verdadeiro, o pai: 'Quero ser o número um, pois aí eu vou finalmente poder deixar o pai para trás'. A histérica talvez fosse diferente. Quer encontrar o número um, o Pai potente, ou o príncipe. Mas nenhum homem está à altura, e ela está lutando para esconder o fracasso desse grande homem. O Outro primordial do obsessivo é o Um todo poderoso, e o Outro primordial da histérica é o Um impotente. Na paranoia, faz-se um postulado, uma metáfora delirante que produz uma certeza delirante e, em torno desse sentido maciço, reconstrói-se o universo inteiro. O delírio é filho do Um, que só se sustenta pelo imaginário. O delírio é a construção de um cosmos unitário. Quando Lacan fala do R.S.I. no final, ele faz a teoria da esquizofrenia e não da paranoia. A esquizofrenia não é uma montagem unitária e sim um tipo de construção.
- xv Lacan, J. (1949). "O estádio do espelho como formador da função do Eu" *In: Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- xvi A bem da verdade, tem, mas é uma vida que tende a se perder, pois se pode duvidar dela a todo o momento.
- xvii Lacan, J. (1976) *O Seminário, livro 23 – O Sinthoma*, Rio de Janeiro: JZE, 2007, p. 36.
- xviii Um outro termo usado por Lacan para nomear essa estranheza é extimidade.
- xix O delírio vai nos ensinar mais sobre o imaginário, o sintoma vai nos ensinar mais sobre o simbólico, e as estabilizações psicóticas vão no ensinar, por sua vez, sobre a angústia e o real.
- xx Cf. Lacan J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 627.
- xxi E que, nesse sentido, vale a leitura do texto do François Regnault, "Freud anti-alegorista", *Em torno do vazio*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001. O autor retoma as correspondências entre Freud e Jung mostrando que os pontos de ruptura são exatamente esses que podem ser expressos na frase famosa de Freud: "Você está tomando o andaime pelo edifício".
- xxii Cf. Lacan J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 181.
- xxiii Freud, S. (1901), "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana", Vol. VI, Obras Completas. Imago.
- xxiv Com relação a isso pode-se conferir a crítica de Wittgenstein. Ele critica a matemática como uma atividade puramente prática que só tem legitimidade pela utilidade de suas aplicações. Cf *Investigações filosóficas* (sem edição em português) - Wittgenstein, Ludwig (1958). *Philosophical Investigations [Investigações Filosóficas]*. Bilingue Alemão/Inglês. G.E.M. Anscombe & Rush Rhees (eds.). Trad. G.E.M. Anscombe. Oxford: Blackwell.)